

The background of the cover is a photograph showing the silhouettes of several people at what appears to be a concert or a public gathering. Their arms are raised, and some are making hand gestures. The scene is lit with warm, golden light, possibly from stage lights or a sunset, creating a hazy and energetic atmosphere. The overall color palette is dominated by dark blues and purples in the foreground, transitioning to warm yellows and oranges in the background.

# Um doutor de respeito

Alexandre Santos

**ALEXANDRE SANTOS**

**UM DOUTOR DE  
RESPEITO**



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de  
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Nem sempre as pessoas são aquilo que  
aparentam

Ao mundo, da forma como ele é

Wilson Feitosa de Souza. Este era o nome dele.

Nascera há quase sessenta anos e tinha vida impecável, cumprindo todas as obrigações esperadas de um homem sério - pagava pontualmente os impostos, não faltava ao trabalho, sendo o primeiro a chegar e último a sair do serviço, ia à missa todos os domingos, sabendo, não só as respostas às orações, como, também, os momentos certos de sentar, ajoelhar e levantar. Mesmo sem saber o que dizer, o senhor Wilson se confessava todos os domingos (precisava inventar pecadilhos para ter o que dizer ao padre) e comungava regularmente, conforme queria a Madre Igreja. Ele praticava direção defensiva,

respeitando todos os sinais e regras de trânsito. Era um homem exemplar. Sempre vestido com roupas clássicas, o senhor Wilson (era assim que preferia ser chamado) sorria pouco. Uma vez, comentando sobre o bom humor de um colega no trabalho, atribuiu o constante sorriso mantido por ele [pelo colega] a uma espécie de desvio de personalidade ou irresponsabilidade congênita.

Casado há quase vinte anos, o Senhor Wilson era um exemplo de marido. Não costumava olhar para qualquer rabo-de-saias, como faziam os colegas, desprezava qualquer tipo de picardia e, mantendo o roteiro de-casa-para-o-trabalho e do-trabalho-para-casa, procurava passar o maior tempo possível com a esposa, dela se

afastando apenas por ocasião das constantes viagens que fazia para visitar clientes ou participar de congressos profissionais e treinamentos. Mesmo assim, não passava um único dia sem que telefonasse para reclamar da saudade e nunca retornava sem trazer lembranças e presentes para a esposa. O senhor Wilson era o genro que todas as sogras desejariam ter.

Mas, o senhor Wilson não era sempre assim.

Na realidade, nas frequentes viagens que fazia, o senhor Wilson deixava aflorar um outro senhor Wilson bem diferente dele próprio. Para começar, negando aquilo que dizia em casa e no serviço, ele misturava trabalho com lazer. Aliás, tão logo



cumpria a agenda profissional, o senhor Wilson se livrava do terno e caía na farra.

Aquele parecia ser (e era) outro senhor Wilson. Se fosse consultado sobre os programas preferidos por este novo senhor Wilson, o pessoal da vida mundana diria que, amante da permissividade, diante de qualquer chance, de bom grado, ele era afeito à sacanagem e, mesmo à putaria.

Mesmo adepto do hedonismo desregrado, o senhor Wilson não caía na farra até comprar algum mimo de viagem para a santa mulher que o aguardava em casa. Depois disso, o céu era o limite. Tendo ao lado sempre uma namorada de ocasião ou uma acompanhante de luxo, o senhor Wilson se esbaldava nas boates e

danceterias. Por mais longas que pudessem ser, todas as noites eram curtas para ele. O senhor Wilson não parava, pulando de bar em bar, de restaurante em restaurante, de boate em boate. De tão efusivo e generoso, o senhor Wilson era conhecido pela maioria dos maitres e garçons.

- Boa noite, senhor Wilson. Seja bem vindo a nossa casa. Vai o de sempre? - saudavam os garçons e maitres, usando uma velha fórmula para impressionar as acompanhantes.

E assim o senhor Wilson levava a vida, alternando, conforme o local onde estava e com quem estava, momentos de extrema sisudez e de alegria esfuziante, vivendo uma vida dupla, naturalmente emocionante e repleta de perigos. Foram muitas e muitas as

vezes nas quais, para não ser pilhado em plena esbórnica, o senhor Wilson precisou fugir ou se esconder de um ou outro vizinho, colega ou conhecido. Estes sustos faziam parte do jogo e, lá no fundo, o senhor Wilson até gostava das emoções que experimentava nestes momentos. Guardava como uma espécie de troféu psicológico a lembrança do dia em que, frente à frente com um vizinho numa boate do Rio de Janeiro, negou ser ele próprio e, dias mais tarde, soube pelo próprio vizinho da existência de um sócio carioca 'igualzinho' a ele.

Contrastando com o outro, o senhor Wilson mantinha comportamento irretocável de marido dedicado e extremoso. Aliás, de presente e presente, de carinho em

carinho, de corbelle em corbelle, o tempo passou, trazendo os filhinhos (três preciosidades), [trazendo] rugas e gorduras (que, em nada, alteraram o jeito de ser do senhor Wilson) e tudo o mais próprio da natureza. Surpreendendo aqueles que imaginavam o arrefecimento do entusiasmo como ele tratava a esposa, o senhor Wilson nunca deixava passar em branco uma data especial para o casal, brindando-a com presentes e festas especiais. Fora assim em todas as bodas - de Papel, de Algodão, de Trigo, de Flores, de Madeira, de Perfume, de Latão, de Papoula, de Cerâmica, de Estanho, de Aço, de Seda! de Linho, de Marfim, de Cristal, de Turmalina, de Rosa, de Turquesa, de Água-marinha e de tudo o mais. Todas comemoradas com jantares à luz de velas, conforme

manda o figurino. Quando se aproximou o vigésimo aniversário de casamento, na sequência de um daqueles olhares que só ele sabia fazer, o senhor Wilson anunciou:

- Vamos viajar para comemorar nossas as Bodas de Porcelana fora de casa.

E, assim, depois de detalhados preparativos bem ao estilo do senhor Wilson, tomaram a estrada. Seria uma viagem curta e rápida. Tão curta, tão rápida e tão maravilhosa como fora a viagem de lua de mel. Seria. Seria, se não fosse aquele garçom filho-da-puta, que estragou tudo.

O senhor Wilson não iria imaginar jamais, mas, já há alguns meses, Telúrio, o velho garçom que o atendia com frequência na Pappillons - uma

boate quantíssima situada no roteiro usual das suas viagens de trabalho -, tinha mudado de cidade e, como uma espécie de penitência, tinha redirecionado seu ramo de atuação e, longe dos inferninhos a que estava habituado, começado a trabalhar num hotel requintado, próprio para famílias em viagens de lazer. Mais ainda. Para azar do senhor Wilson, o velho Telúrio estava trabalhando exatamente no hotel por ele escolhido para desfrutar aquele fim-de-semana especial. Ou seja: de nada tinha adiantado o cuidado do senhor Wilson para evitar qualquer 'cidade perigosa' na viagem comemorativa das bodas de porcelana com a esposa.

O desastre veio quando, depois de encaminhado pelo maitre, a uma mesa

discreta num canto do salão, o senhor Wilson viu o garçom que, o tendo reconhecido, alegremente se aproximava para atendê-lo. De nada serviu a careta e o olhar por usado pelo senhor Wilson como sinal para dissuadir qualquer intimidade.

- Como vai, doutor Wilson? Sempre bem acompanhado, não é. - seguindo a antiga regra, o garçom elogiou a companhia do cliente e arrematou - Vai beber o de sempre?

E veio o cataclisma.

- Como é que é? - passado o milionésimo de segundo necessário para assimilar a surpresa, a esposa do senhor Wilson perguntou - Quer dizer que você vem sempre aqui e vem sempre 'bem acompanhado'?

A esposa caprichou no 'bem acompanhado' antes de se levantar num rompante. Aumentando a sua raiva, antes de sair, ela ainda ouviu a voz do garçom:

- Ligue não, seu Wilson. Deixe essa bruaca ir-se embora. Tem carne muito melhor na cidade. Se quiser, posso chamar alguma das meninas que o senhor tanto gosta.

O senhor Wilson ainda tentou voltar para casa naquela noite, mas a fechadura já havia sido trocada.